Sair da crise

Anotações a partir do imaginário dos profetas menores do séc. VIII aC

"... a crise atual pode ser superada,
mantendo firmes as instituições democráticas,
na promoção corajosa e transparente da verdade" (e)
"unir forças para libertar
o país do cativeiro em que vive".

I – CRISE E IMAGINÁRIO HOJE

Vivemos em tempos de crise. A crise em nossa sociedade brasileira é inegável. A crise social e econômica há muito já é gritante. Os índices de empobrecimento e o número de pobres de todo tipo aumenta a cada dia. A recessão econômica interna diminui a atividade econômica e aumenta o desemprego. O ônus da dívida pública, interna e externa, implode o mínimo existente em termos de rede de assistência social, escolar, hospitalar, etc.

Esse corpo já deteriorado pela crise é perpassado por uma crise mais profunda: a *crise de ética*. Essa tem-se evidenciado nos últimos tempos de uma forma aviltante nos líderes governamentais de nosso país. Os escândalos de corrupção, suborno, fraudes, etc. dos últimos tempos estão ainda bem presentes na memória. E novos escândalos vêm à tona todos os dias. Essa crise de ética da nação brasileira tem uma enorme força centrífuga: ela vai arrastando as pessoas para dentro dela. É como uma epidemia que se alastra tão rapidamente, que as pessoas nem bem se dão conta que estão contaminadas.

Há jeitos diferentes de se ver a realidade. Depende muito da percepção de cada pessoa. Cada um de nós tem um jeito diferente de ver, interpretar e julgar as coisas. Também o agir, as saídas apontadas podem ser diferentes. Isso se evidenciou, por exemplo, nas discussões no plebiscito sobre forma e regime de governo. O fato é claro: vivemos uma crise ética nas instituições públicas no país.

Os governos, em sua maioria, têm-se mostrado técnica e moralmente incapazes de conduzir a nação. Qual é a saída em nível de instituição em termos de regime e forma de governo? A posição de cada qual vai depender de suas preferências, do jeito como encara a realidade. Depende do seu lugar social. Vai depender de sua bagagem de conhecimento e/ou experiência nesse sentido. Depende de como imagina que poderia ser a realidade. Isso se pode chamar de "imaginário": concepções diferentes de ver e julgar e de apontar saídas.

No que segue eu gostaria de tentar mostrar que essa categoria do "imaginário" também se aplica aos profetas da Bíblia. Por condicionamentos pessoais, sociais, etc. também eles têm visões diferentes da realidade em crise e das saídas possíveis. Vou me restringir aos *três profetas menores do séc. VIII aC*. Focalizarei, portanto, as figuras de *Amós, Oséias e Miquéias*. São considerados profetas radicais. Já a primeira leitura dos textos desses *profetas* evidencia que eles emergem *numa situação de crise*. A pesquisa bíblica pode mostrar com clareza que os problemas sociais, ou a realidade que cada um enfrenta, são muito parecidos. Há naturalmente algumas variantes, mas as questões básicas são iguais. O que varia, porém, são as percepções, o jeito de cada um desses profetas ver e julgar a realidade e, de acordo com o seu imaginário, com o seu background social e cultural, apontar saídas. Vejamos primeiro algumas pinceladas sobre a sociedade e a crise social no Israel do séc. VIII aC, para, num próximo ponto, ver as percepções e as saídas que vão se configurando no imaginário desses profetas.

II – SOCIEDADE E CRISE NO ANTIGO ISRAEL

O Antigo Testamento nos relata que a história do povo de Israel estava marcada por muitas crises, de todo tipo. Nessa trajetória, há um corte muito profundo no que tange à crise social do povo no tempo que vai do séc. IX para o séc. VIII. É neste último que emerge um grande número de profetas. Eles trazem uma novidade em sua mensagem. Nos séculos anteriores, profetas como Elias, Eliseu ou o profeta da corte Natã denunciavam desmandos isolados de algumas pessoas concretas e anunciavam um castigo que, via de regra, se dirigia contra essas mesmas pessoas. No séc. VIII os profetas anunciam um juízo divino mais radical, mais abrangente. Anunciam desgraça para amplos setores da sociedade e do povo da época. Deve haver aí novidades também nas relações sociais e econômicas nesse período.

A sociedade israelita dos tempos bíblicos é basicamente uma sociedade agrária. Cerca de 90% da atividade produtiva é de ordem agropastoril. O produto social é produzido por camponeses, que vivem em clãs, grandes famílias, aldeias.

Ao lado das famílias camponesas, como unidades produtivas, existem alguns grupos distintos: a corte do rei, nas capitais Jerusalém e Samaria. A corte inclui os funcionários do Estado, um exército e um corpo de funcionários religiosos (profetas e sacerdotes) nos templos.

A jurisprudência era basicamente uma jurisprudência clânica: os homens livres das aldeias decidiam, em assembléia popular, as questões de conflitos do dia-a-dia. Há somente alguns poucos inícios de uma jurisprudência estatal sob o controle do rei ou do Estado.

O conflito básico nessa sociedade se dá em torno da apropriação de um excedente da produção agropastoril camponesa. Ele se dá entre as aldeias como unidades produtoras e as poucas cidades, sob controle estatal, como unidades de tributação e de consumo. Esse tipo de sociedade pode ser chamado de "sociedade tributária". Importante é perceber que o grupo dominante não interfere no processo de produção, mas, via tributos e entregas, arrecada um excedente dessa produção.

A etnologia, i. é, a pesquisa sobre os povos, tem evidenciado que, a partir do séc. VIII, foi incrementada uma economia monetária em toda a região da Ásia Menor e do Oriente Próximo. As relações sociais e econômicas entre os grupos e as pessoas não mais se baseavam somente na troca, mas passavam a ser mediadas por transações financeiras, com empréstimos, juros, taxas, etc. Essa inovação teria sido um novo agente que levou a uma crise social maior. E os profetas do séc. VIII tematizam aspectos dessas crises.

Os profetas também dão testemunho de que a vida social se organizava em torno dessa dinâmica e os interesses aí em jogo. Isso não é muito diferente hoje em dia. Os interesses influenciam o comportamento pessoal e grupal. Para aquela época, isso transparece claramente em muitas denúncias dos profetas:

– O *grupo cortesão* (rei, funcionários e damas da corte) via de regra é acusado de fomentador do consumo e da exploração (cf. Am 4,1s; 6,1s).
– Muitos *líderes religiosos* (sacerdotes e profetas) compactuavam com o poder, legitimando e dissimulando religiosamente os conflitos sociais (cf. Am 5,18-20; Jr 23,9s). Os profetas que nós chamamos de bíblicos constituem aí uma exceção. Eles são resistência e reação a essas tendências legitimadoras.
– O *exército*, via de regra, era funcionalizado para a opressão do próprio povo.
– Os *juízes* constantemente são denunciados, julgando por suborno (cf. Is 1,21-26).
– E o *povo* e sua jurisprudência popular? Aí há duas possibilidades básicas de comportamento. Ou ele se mantinha dentro da ética comunitária, ou deixava-se levar pelos interesses e buscava também tirar proveito aonde era possível (cf. Am 5,10-12; Is 5,8-10).

Esse quadro parece mostrar que a corrupção era geral. A falta de ética parece perpassar toda a sociedade. Há uma palavra do profeta Oséias (4,1-2) que expressa isso muito bem:

"Deus tem uma contenda contra os habitantes da terra,
porque nela não há verdade,
nem amor,
nem conhecimento de Deus.
O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar, adulterar,
e há arrombamentos e homicídios".

Com algumas variantes esse quadro social é comum aos profetas do séc. VIII, tanto em Israel quanto em Judá. No Reino do Norte, Israel, atuaram Amós e Oséias. No Reino do Sul, Judá, atuaram Miquéias e Isaías. Cada um desses profetas percebe a crise e, em especial, as saídas da crise de modo distinto.

III – CRISE E SAÍDAS NO IMAGINÁRIO DOS PROFETAS

1. Amós: juízo e justiça

O profeta Amós inicia algo novo na profecia em Israel. Com ele se dá a virada para o que se costuma chamar de "profecia radical". Profetas anteriores como Eliseu e Elias atacavam desmandos concretos de pessoas específicas. O castigo anunciado, via de regra, implicava na eliminação do transgressor.

Amós e outros após ele anunciam um juízo divino mais radical, mais abrangente contra amplos setores da sociedade e do povo da época.

À primeira vista, as ameaças de juízo ou desgraça parecem dirigir-se contra todos, contra o povo como um todo. Usa-se, via de regra, designações genéricas: "Israel" (Am 2,6); "casa de Israel" (Os 7,1); "Jacó"; "filhos de Israel" (Os 4,1), etc. Parece que Deus condena todo o povo ao juízo, à destruição. Será essa a justiça de Deus anunciada pelos profetas radicais? É justo fazer sucumbir num juízo iminente tanto opressores quanto oprimidos, ricos e pobres?

Uma análise mais detalhada, contudo, mostra que o juízo anunciado pelo profeta Amós é radical, mas não é total. Nem todo o povo sucumbirá num fim iminente esperado e anunciado pelo profeta.

As ameaças de juízo, i. é, de anúncio de um fim iminente, dirigem-se, em Amós, contra grandezas concretas em Israel:

1) Fim do *exército* – A crítica ao exército abre o livro de Amós. No assim chamado "ciclo dos povos" (Am 1,3–2,16*), cada estrofe enfoca algum desmando ou atrocidade do exército: populações aldeãs são torturadas (1,3b) ou deportadas (1,6b); rasga-se o ventre de mulheres grávidas (13), etc. Vários anúncios de juízo não deixam dúvidas: o exército sofrerá um fim pela ação direta de Deus (Am 1,5s.8b.14b; 2,2b; 3,11b; 5,2-3; 6,13-14). Quando aqui se fala em exército não se pensa em milícias populares, mas em guarnições de homens treinados e equipados, permanentemente a serviço dos governantes.

2) *Fim dos agentes da religião oficial* – A crítica principal de Amós contra os agentes da religião oficial é que eles estão ajudando a fomentar a exploração do povo através da arrecadação de tributos sacrais. Concretamente, a crítica se dirige contra os sacerdotes e os profetas cúlticos dos santuários do rei em Betel e Guilgal. Estes faziam parte dos funcionários do Estado. Estão no rol daquelas pessoas que sofrerão o juízo de Deus, sendo deportados (5,27) ou mortos pela espada (7,9; 9,1-4).

3) *Fim da "dolce vita" da corte* – As críticas sociais mais fortes de Amós dirigem-se contra as pessoas da corte real, que, às custas do suor camponês, conseguem levar uma vida faustosa. Bebem vinho em quantidade e lambuzam-se em óleos finos de qualidade. Têm mobiliário requintado e gostos exuberantes. Mas: "Ai dos que se sentem seguros em Samaria" (6,1), porque Javé-Deus porá um fim a tudo isso. Terminará a "dolce vita" dos boas-vidas (6,7). Castelos e cortesãos sucumbirão na mesma desgraça.

Com o fim dessas três grandezas terão fim os sustentáculos do Estado tributário em Israel. Mas a percepção de Amós vai mais longe. É mais profunda. Abrange também as relações do povo camponês entre si.

4) *Juízo entre o povo* – Também as relações econômicas entre os camponeses israelitas nas aldeias palestinas estão na mira do profeta Amós. Ele percebeu muito bem que também entre as pessoas desta classe, diríamos entre o povo, entre os pobres, há aqueles que alcançaram riqueza dolosamente. Isso acontecia mal-usando a instituição da justiça no portão. Criando causas e conflitos contra pessoas justas, levantando falsas acusações e exigindo pesados presentes de apaziguação e indenização, alguns camponeses conseguem enriquecer. Para esses que agem dolosamente contra seus próximos não tardará o fim. As casas suntuosas que puderam construir, nelas não habitarão, e das vinhas esplêndidas que mandaram plantar, o seu vinho não beberão (cf. Am 5,11). Haverá muito luto em todas as aldeias de Israel (5,16-17).

O juízo anunciado pelo profeta Amós é radical. Mas não é total. Haverá um *resto*. Algumas passagens deixam entrever isso com mais clareza. No mais, faz-se necessário fazer essa leitura *sub contrario,* pelo reverso, a partir do todo da mensagem do profeta.

Entre as passagens que falam de um resto está Am 8,1-3. Nessa sua quarta visão Amós vê a desgraça chegando para dento da grandeza "meu povo Israel". Virá e se desdobrará como alguém que vai colhendo os frutos maduros para a colheita e os coloca num cesto próprio para isso. Nesse dia haverá muitos cadáveres espalhados em toda a área do palácio. Os senhores boas-vidas da corte serão "colhidos". Mas as escravas do palácio, filhas de camponeses empobrecidos e endividados, erguerão o pranto. Elas são um resto.

Outra passagem importante é Am 5,14-15. Aí se fala de um "restante José". Muitos sucumbirão, mas restará "José". Esse "José" que resta é a parcela do povo que não se comprometeu com a injustiça e com a exploração do Estado, e que também não se deixou levar pela ganância, pelo querer-ter-mais nas relações no dia-a-dia. A esse "José" vale uma graça condicionada: "talvez". Viverá se se engajar pelo restabelecimento da justiça a partir das decisões comunitárias tomadas nas assembléias dos homens livres no portão. Nesse contexto o profeta Amós aponta de forma mais clara como sair da crise:

"Odeiem o mal e amem o bem!
Estabeleçam a justiça no portão!"

Estabelecer a justiça no portão é o caminho para sair da crise. Somente agindo assim será possível escapar do juízo destruidor de Deus. Esse apelo positivo funciona, ao mesmo tempo, como um alerta para qualquer israelita, mesmo algum pobre que queira tentar seu enriquecimento mal-usando uma instituição que deve prover a justiça. Só pela busca e prática da justiça é possível superar a crise e escapar do juízo de Deus.

Quando o profeta Amós fala do juízo iminente de Deus sobre o povo de Israel, não aponta com clareza quem ou o que serão os agentes que tornarão realidade o juízo anunciado. Há alguns exegetas que dizem que os agentes serão os assírios, povo dominante naquela época. Mas no texto mesmo isso nunca é dito expressamente. Pela análise e datação, os panfletos mais antigos e originais de Amós devem ter surgido antes que os assírios fossem uma potência ameaçadora na Palestina. Amós era camponês e exercia várias atividades sazonais, como cuidar de ovelhas e colher sicômoros. A meu ver, ele pensa em categorias mais arcaicas. O juízo divino por ele anunciado será executado pelo próprio Deus. Os

instrumentos concretos não são mencionados. Há imagens, onde, p. ex., o próprio Deus aparece desempenhando funções guerreiras, como empunhando uma espada (cf. 9,1). Nas narrações mais antigas de Israel há um veio de tradição que pensa e expressa a intervenção de Deus na história sempre como intervenção direta, sem mediação ou mediadores. Amós está nessa tradição. O juízo quem executa é o próprio Deus, quase que milagrosamente.

2. Oséias: um coração se contorce na expectativa da conversão

A perspectiva de Oséias é diferente. Se Amós via as coisas sob a ótica social, Oséias vê a mesma realidade sob o prisma religioso. Oséias provavelmente é levita, i. é, uma espécie de clero menor itinerante. Ele está familiarizado com as tradições religiosas de Israel. Um levita era uma pessoa que, em Israel, estava encarregado do ensinamento das coisas de Deus, do seu direito e da sua justiça. Oséias atuou como profeta no Reino do Norte. A maior parte de seus ditos concentra-se em torno dos anos 733-732 aC. Isso se dá no contexto da chamada "guerra siro-efraimita", na qual uma coalizão de grupos palestinos buscava impedir o avanço de inimigos vindo do norte (cap. 1–3 [cf. 3,1-5] provavelmente são de antes de 733; cap. 4–11 [cf. 11,1-11] de 733/2; e os cap. 12–14 [cf. 14,2-9 são mais tardios, surgidos em torno de 722).

A mensagem de Oséias tem as seguintes características:

1) Oséias fala intensivamente do amor de Deus. Deus luta por cativar seu parceiro. Mesmo em meio à acusação profética há um tom de busca. A acusação torna-se quase uma lamentação.

2) A culpa é – bem diferente do que em Amós – o afastamento de Deus, o não-conhecimento de Deus, a apostasia. Para ele, os acusados não conhecem Deus. Constantemente ele acusa os israelitas de prostituição. Numa ação simbólica, o próprio Oséias se casa com uma prostituta. Essa prostituição, da qual fala o profeta, eram ritos de fertilidade realizados em honra aos deuses de outros povos cananeus (baalins). Em sua ótica religiosa da realidade Oséias critica principalmente os sacerdotes. Na sua visão são estes promovedores da religiosidade oficial os que pervertem o povo. Um texto mostra isso claramente (4,6-9):

"Ouvi isto, ó sacerdotes!
O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento.
Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento,
também eu te rejeitarei para que não sejas sacerdote diante de mim;
visto que te esqueceste da lei do teu Deus,
também eu me esquecerei de teus filhos.
...
Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote;
e castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pagamento das suas obras".

3) O anúncio básico de Oséias é a destruição de Israel e de seus centros de poder e pecado. Aqueles que se deixaram levar na senda da apostasia, da prostituição e do pecado serão aniquilados. Diferente do que Amós, Oséias já fala dos assírios, de uma potência estrangeira, como o braço justiceiro de Deus.

4) Peculiar da mensagem de Oséias é que em meio à catástrofe nasce nova esperança. O amor de Deus transcende a destruição. A expectativa de Oséias é por um reinício em meio à crise. A saída apontada é o conhecimento de Deus, de sua fidelidade, de sua constante busca, de suas tentativas de cativar mesmo aqueles que estão desviados. A saída é caminhar atrás do Senhor Javé. O texto de Oséias 11 é representativo para isso:

"Quando Israel era menino, eu o amei,
e do Egito chamei o meu filho.
Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença,
sacrificavam a Baalins e queimavam incenso às imagens de escultura.
Todavia, eu ensinei a andar a Efraim,
tomei-o nos meus braços, mas não atinaram que eu os curava.
...
Não voltarão para a terra do Egito,
mas o assírio será seu rei, porque recusam converter-se.
A espada cairá sobre as suas cidades,
e consumirá os seus ferrolhos, e as devorará...
O meu povo é inclinado a desviar-se de mim;
se é exortado a dirigir-se para cima, ninguém o faz.
Como te deixaria, ó Efraim?
Como te entregaria, ó Israel?
Meu coração se contorce dentro de mim,
as minhas compaixões à uma se acendem.
Não executarei o furor da minha ira;
não voltarei a destruir Efraim, porque eu sou Deus e não homem,
o santo no meio de ti.
Andarão após o Senhor."

3. Miquéias: desgraça e reorganização a partir da periferia

Com Miquéias estamos no Reino do Sul, em Judá. Por volta dos anos 725 a 722, quando foi destruída a capital do Reino do Norte, dá-se o início de sua atividade profética (Mq 1,1-7 dirige-se contra Samaria). Esta se estende ainda até o ano de 701 aC, quando Jerusalém, a capital do Sul, foi sitiada pelos assírios.

Miquéias – assim como Amós – era também camponês. Era da província. Possuía uma parcela de terra de herança. Estava muito familiarizado com as tradições de Israel que diziam respeito à posse da terra (cf. 2,1-5). Miquéias muito provavelmente era um ancião em sua aldeia natal, Moresete-Gate. Era uma espécie de conselheiro local. Como tal – como colono e ancião conselheiro – foi tomado por Javé-Deus para ser profeta. Miquéias entende-se como mensageiro de Javé (cf. 2,3; 3,5: "assim disse Javé"). Em Mq 3,8 isso aparece claramente:

"Eu, porém, estou cheio de poder,
i. é, da força de Javé, de justiça e força,
para declarar a Jacó a sua rebelião
e a Israel o seu erro".

Assim como Amós e Oséias, o conteúdo básico da mensagem de Miquéias é anunciar uma destruição iminente. Esta se desdobra em duas direções:

Primeiro: Essa destruição atingirá principalmente a cidade-capital Jerusalém e, de modo especial, o templo, Sião. A elite citadina (chefes políticos, militares, profetas e sacerdotes, agrupados em torno da corte e do templo) está no foco principal. Palavras de Mq 3,9-12 mostram isso:

"Ouvi isto, chefes de Jacó
e comandantes de Israel
que detestais a justiça
e distorceis tudo o que é direito,
que edificais Sião com sangue
e Jerusalém com injustiça.
Seus chefes julgam por suborno,
seus sacerdotes ensinam por salário
e seus profetas adivinham por dinheiro
e se apóiam no Senhor, dizendo:
'O Senhor não está entre nós?
Sobre nós não virá nenhuma calamidade'".

Sobre estes, que ainda por cima cultivam a ideologia da segurança de Sião, contudo, virá o juízo de Deus. Um povo estrangeiro, os assírios, serão a mão indireta de Deus para concretizar o castigo anunciado.

Segundo: Também a elite agrária em Judá, poderíamos dizer os latifundiários da época, sofrerá uma desgraça. Miquéias acompanha, na província, como alguns camponeses melhor situados se aproveitam das possibilidades legais e ilegais para ajuntar terra e casas. É um processo de exploração econômica que vem no bojo das relações do dia-a-dia do povo camponês. O texto de Mq 2,1s exemplifica isso muito bem:

"Ai daqueles que nos seus leitos imaginam a iniqüidade e maquinam o mal,
à luz da alva o praticam, porque têm poder para fazer isso.
Cobiçam campos, e os arrebatam,
e casas, e as tomam;
assim fazem violência a um homem e à sua casa,
a uma pessoa e à sua herança".

Se a elite citadina sofrerá um fim junto com a destruição da capital Sião, a elite camponesa será despojada de seus bens e da posse de suas parcelas de terra. Porque em breve – assim o espera o profeta Miquéias – Deus fará acontecer uma redistribuição da terra em Judá. Um representante de cada família poderá lançar sorte sobre uma parcela da terra da aldeia. Aqueles, porém, que maquinam o mal e o praticam, para estes não haverá quem lance a sorte. Estarão excluídos dessa "reforma agrária" (Mq 2,4-5).

Por aí pode-se perceber uma vez mais como o imaginário, o jeito de pensar da pessoa-profeta influencia e até condiciona a mensagem anunciada. Miquéias conhece bem as tradições agrárias de Judá. Na expectativa de uma redistribuição das porções de terra, os camponeses gananciosos de ter mais terra estarão excluídos de lançar a sorte. Este anúncio serve como alerta para cada camponês que esteja maquinando o mal. A justiça de Deus é mediada pela justiça democrática da aldeia. O jeito é andar de acordo com a ética comunitária da aldeia.

Assim como em Amós e Oséias, porém de modo diferente, nem tudo em Miquéias é desgraça e destruição. Há também esperança (veja 2,1-13; 4,6-8; 7,8-20) talvez secundária. Sua principal expectativa é uma reorganização política a partir da periferia. Quem de nós não conhece o texto de Mq 5,1s:

"E, tu, Belém de Éfrata,
pequena demais para figurar entre os milhares de Judá,
de ti sairá
o que há de governar em Israel.
Sua origem é desde os tempos antigos,
desde os dias da eternidade".

Hoje, na Igreja cristã, estamos acostumados a usar este texto para a vinda do Jesus Messias. Originalmente, Miquéias estava esperando e anunciando um novo rei. Este sairá da aldeia mais insignificante de Judá, de onde ninguém era recrutado para participar do Estado. E onde também ninguém estará corrompido pelo bacilo do poder. Quando a capital Jerusalém e seu centro religioso Sião tiverem sido transformados em matagal, em roça, haverá um novo começo. Miquéias, como bom monarquista adepto da linha davídica, espera por um novo Davi. Nisso ele está muito próximo também de seu colega citadino Isaías (Is 11,1s).

IV – FINALIZANDO

O jeito de cada um desses profetas perceber a crise e apontar saídas muda conforme o seu imaginário. Amós é tremendamente radical: anuncia um juízo divino abrangente e conclama os remanescentes a restabelecer a justiça social na instituição popular e democrática da jurisprudência no portão. Da elite governante ele não espera nenhuma contribuição. Oséias vê, com o coração contorcido, que o povo é levado e se deixa levar para longe de Deus, de sua lei e sua justiça. Mas Oséias anseia, palpita, espera pela conversão dos desviados. Miquéias, o colono-conselheiro-profeta, vê e experimenta o avanço do exército assírio, que vai trazer desgraça para as elites citadina e camponesa. O reinado da elite será desmantelado. E a reorganização da vida social e real virá a partir da periferia. Miquéias é monarquista, adepto da dinastia davídica. Ele espera por um novo rei justo: "E o rei será bendito, ele nascerá do povo", de Belém.

Os profetas nos desafiam e nos animam. Continuam a fazê-lo! Em meio à crise generalizada incentivam à crítica. Mas desafiam a cada um e cada uma, hoje, a buscar trilhar, pessoalmente, passos de vida eticamente regrados e, a partir do seu imaginário, modelar, comunitariamente, caminhos de saída. Só assim será possível sair da crise. Que não faltem a determinação e a coragem!

Haroldo Reimer
Alameda Alcides, 102
24230-120 Niterói, RJ